
A complexidade do conceito de ideologia para o estudo da mídia

Roberto Ramos¹

Resumo: Em diferentes momentos históricos, encontramos uma diversidade de conceitos Geral e Particular de Ideologia, o que estabelece sua importância como conceito que condensa o social e o subjetivo. Reflexão sobre sua complexidade, que parece pertinente para os estudos contemporâneos sobre a mídia impressa e eletrônica.

Palavras-chave: ideologia; conceito; complexidade

Abstract: At different moments in history, we find a diversity of concepts general and private of Ideology. That establishes its importance as a concept which condenses the social and the subjective aspects. In this paper, we will think about its complexity.

Keywords: ideology; concept; complexity

A diversidade do conceito de Ideologia dialoga com uma unidade. Ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço. Está presente em diferentes pensadores. Parece afirmar a sua relevância social e subjetiva na pluralidade de concepções. Iremos considerar os usos implícitos e explícitos do conceito de Ideologia, do Renascimento à contemporaneidade. Peregrinaremos, sinteticamente, por pensadores, que trouxeram contribuições para as reflexões sobre a Complexidade da Ideologia.

No horizonte bibliográfico, a Ideologia apresenta, na generalidade, dois conceitos básicos. É a Ciência, que estuda a formação das idéias, em um olhar denotativo – Conceito Geral. Torna-se distorção, desvio e erro, através de um ver conotativo – Conceito Particular.

Löwy (1985) registra que o conceito foi usado, bibliograficamente, pela primeira vez, pelo enciclopedista francês, Destutt de Tracy. Ele escreveu, em 1801, o livro, Elementos de Ideologia, abordando-a como o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza – Conceito Geral.

Mesmo sem o uso explícito do conceito, os seus diferentes sentidos aparecem, com implicitude, em diferentes momentos históricos, com vários autores. Precedem, inclusive, à obra de Tracy. Cabe destacar, entre outros, Maquiavel, Bacon, Spinoza e Hegel. Maquiavel (1993, p. 85) detectou as estratégias de legitimação na luta pelo poder na Renascença. O Príncipe, como protagonista poderoso, não precisava ser bom, nem justo, porém apenas parecer que era. Deveria conquistar o Estado e, nele, se manter. A Legitimação surge,

¹ Professor (Pós-Graduação /PUCRS). E-mail: rr@pucrs.br

como uma estratégia de distorção, desvio e erro. Maquiavel trabalhou a Ideologia, em sua feição política, ainda que não a tenha, assim, designado. Apesar da implicitude, há a presença do Conceito Particular.

Outra contribuição veio por intermédio de Bacon (1988, p. 28-31). Ele formulou a Teoria dos Ídolos, localizando seus devidos espaços sociais: caverna, tribo, mercado e teatro. Considerava-os “fantasmas”, “preconcepções” e “fontes de erro”. Eram manifestações emocionais, que prejudicavam o caminho do verdadeiro conhecimento. Bacon destaca, na emoção, um problema. Ela contraria os postulados da razão. Arrasta o ser humano, para os preconceitos, para os erros, para uma perspectiva obscurantista. A Teoria dos Ídolos, voltada para a cientificidade e para o estudo da consciência, também, refere o Conceito Particular de Ideologia.

Spinoza (1979, p. XII) combateu as mais diferentes formas de superstição, sobretudo, a religiosa. Ele a caracterizou como: “Uma paixão negativa, nascida da imaginação, que, impotente, para compreender as leis necessárias do universo, oscila entre o medo dos males e a esperança dos bens”. No Tratado Teológico Político (1979), ele estudou a gênese e os efeitos da superstição. Empreendeu a primeira interpretação histórico-crítica da Bíblia. Negou a existência de causas finais na realidade. Redefiniu a liberdade humana não como livre arbítrio, mas como consciência da necessidade.

Ainda que não tenha explicitado o conceito de Ideologia, Spinoza a investiga de modo implícito. Fixou-a na questão religiosa. Destacou a importância da Igreja, na época, acumulando papéis ideológicos, através da evangelização e do ensino. O filósofo se deteve na Ideologia Religiosa, usando o Conceito Particular. Enfatizou que o seu domínio se sustentava pela superstição. O maniqueísmo bem e mal dava os seus frutos. Promovia as distorções, os erros e a falsa consciência. Se Bacon criticava a Idolatria, como obstáculo à cientificidade, Spinoza atacava a superstição. Ambos estavam voltados contra a distorção, a ilusão, a falsa consciência – Conceito Particular de Ideologia, como a contramão da busca da verdade.

Por outros caminhos, Hegel (1991, p. 83) trouxe subsídios, para a importância da Ideologia. Eliminou a distinção entre as idéias e o real. Salientou que o conceito é a atividade do sujeito e, como tal, a forma verdadeira da realidade, acrescentando: "Para darmos da idéia uma definição mais rigorosa, diremos que, enquanto existente em si e para si, a idéia é, também, a verdade em si, é o que participa do espírito de modo geral (...)". A priorização das idéias ensejou uma nova perspectiva, para a investigação da subjetividade. Elas não eram habitantes de um etéreo inconsequente. Não estavam divorciadas do real, porém a própria determinação deste. Houve a compatibilização da Filosofia com a realidade, mediante a valoração, concedida ao sujeito. Possibilitou a averiguação do Conceito Geral de Ideologia.

Hegel (1991) conseguiu, também, detectar a Alienação no próprio processo de socialização. O homem cria a cultura, mas acaba sendo escravizado

por ela, que aliena a sua consciência. Exige submissão, para assegurar a sua perpetuação. O criador vira presa da criatura. Através da Alienação da consciência, o filósofo prevê o Conceito Particular de Ideologia. A consciência alienada é artificial, fragmentada, falsa. Encontra-se alheia de si mesma. É uma fonte de distorção, de ilusão e de equívoco.

Vale regressarmos a Tracy. Ele, além de possuir envolvimento com o Conceito Geral, também, o teve com o Particular. Fora aliado de Napoleão Bonaparte durante o Brumário, em 1799, porém os seus objetivos republicanos o afastaram deste. Em 20 de dezembro de 1812, Bonaparte atacou seus adversários. Considerou-os, como “ideólogos”, “tenebrosos metafísicos”, em discurso no Conselho de Estado, conforme Neotti (1989, p. 34). Tracy e seus discípulos se consideravam antimetafísicos. Eram enciclopedistas e tinham-se por racionalistas e vanguarda intelectual da época. O ataque napoleônico perfilava-os, como “ideólogos”, “tenebrosos metafísicos”. Foi pejorativo. Consolidou, com explicitude, o sentido de “distorção”, “inversão”, “ilusão” “erro” da Ideologia – Conceito Particular.

Bonaparte responsabilizava os seus opositores pela “distorção”, pela “inversão”. Denunciava a Ideologia, como a produção de um antipoder, que lhe era antagônico. Contrariava Maquiavel, que a concebia, sem designá-la, com explicitude, como uma manifestação do Poder, centrada na figura do Príncipe. O sentido napoleônico iluminou uma nova perspectiva, para o estudo da produção ideológica. Concedeu-lhe a conotação pejorativa. Consolidou o Conceito Particular de Ideologia, como uma abordagem crítica, que ganhou espaços, sobretudo, nas Ciências Sociais e Humanas.

Marx

Marx e Engels (1987) retomaram o Conceito Particular, evidenciado por Bonaparte, mas com uma alteração em A Ideologia Alemã. A distorção, a falsa consciência não são provocadas pelo antipoder, porém pelo Poder, instituído, conforme Maquiavel.

Posteriormente, em O Capital, Marx (1983, p. 50) aprofundou a sua formulação. Resgatou o termo, de origem religiosa, Fetiche – “feitiço”, “coisa feita” –, aplicando-o ao Capitalismo, onde os objetos passam a ter valor em si mesmo e poderes de adoração sobre os consumidores. O Fetichismo é a transfiguração da realidade, em que as mercadorias se personalizam e as pessoas são coisificadas.

Além do Fetichismo, existiu a fixação do conceito de Alienação – “estar alheio”, “estranho”. Os trabalhadores estão alienados, quando não possuem a consciência de que integram uma classe (1983, p. 50). Não percebem as reais relações de produção existentes e os respectivos papéis na engrenagem capitalista.

Por intermédio do Fetichismo e da Alienação, a Falsa Consciência mantém intactas as relações de produção. Elas devem ficar escamoteadas, escondidas, mistificadas, para encobrir a luta de classes, que as perpassa sob forma de dominação e de exploração. O Fetichismo e a Alienação são concebidos pela inspiração hegeliana. Ambos, direta e indiretamente, estão vinculados à noção de Consciência Infeliz, que é falsa e alienada. Desconhece a si própria e, por conseguinte, não apresenta uma práxis, compatível com os seus interesses de classe.

Em *A Ideologia Alemã*, o enfoque foi, predominantemente, superestrutural; em *O Capital*, predominantemente, infra-estrutural. Mesmo habitados por tais variações, os textos possuem uma unidade. A Ideologia é concebida em sua valoração negativa, no seu Conceito Particular. Está associada ao Poder, instituído no modo de produção capitalista.

Althusser

Althusser (1985) teceu uma Teoria da Ideologia em Geral. Evidenciou as relações entre as questões sociais e subjetivas. Articulou o Marxismo com a Psicanálise, por intermédio de uma abordagem, marcada e demarcada pelo Estruturalismo.

O encontro entre o Marxismo e a Psicanálise é justificado pelo Materialismo e pela Dialética. Num mundo, dominado pelo Idealismo e pelo Mecanicismo, Marx e Freud foram materialistas. Ambos sustentaram que a realidade está fora da consciência. Assim sendo, Althusser (1985, p. 87) formulou uma Teoria da Ideologia em Geral, contemplando duas teses: a) a Ideologia representa relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência; e b) a Ideologia possui uma existência material.

A primeira tese refere o caráter ilusório da Ideologia, através de sua natureza imaginária. Encontramos, aí, a influência de Lacan. Para este, o Imaginário é o variável, o aparente, o ilusório na captação do Ego, ou seja, significa a Alienação. Na segunda tese, Althusser (1985) salientou que a Ideologia, como uma relação imaginária, tem materialidade. Quem crê em uma idéia a ritualiza, transformando-a em atos, procedimentos e comportamentos. O Imaginário se torna práxis.

Na perspectiva da materialidade, cinco conceitos são decisivos: a Sujeição, a Interpelação, o Reconhecimento, o Sujeito Absoluto e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Encontram-se, intimamente, relacionados, para caracterizar a dialética da produção ideológica.

A Sujeição considera o paradoxo de sentido do termo, Sujeito. Significa o ser livre, o empreendedor, o realizador. Anota a dimensão de liberdade. Leva em consideração, também, que se encontra submetido, a reboque do outro e de um contexto. É a dimensão da submissão. Ser sujeito humano é ser livre e ser, ao mesmo tempo, submisso.

O Reconhecimento está relacionado com o conceito de Identificação Projetiva, proposto pela Psicanálise. É o mecanismo psíquico, que se instaura no aparelho mental. Desencadeia o Narcisismo Primário, por intermédio da Fase Oral.

Soifer (1991, p. 13-17) traz outros pormenores. Ela refere que “consiste na projeção de partes de nós mesmo sobre o outro”. Com isso, “o outro é visto como idêntico a nós, ao mesmo tempo, em que vivemos com os nossos aspectos do outro”.

Podemos observar que a constituição da subjetividade é realizada pelo Reconhecimento e pela Identificação Projetiva. O Eu se funda no Outro, via Linguagem. É um diálogo, que se inicia com a supremacia do não-verbal, que, depois, se transforma, também, em verbal.

Althusser (1985, p. 10) caracterizou que, no centro de toda a Ideologia, existe um lugar único. É um Sujeito Absoluto – uma abstração do real, um espelho imaginário. Ele interpela os indivíduos, como sujeitos, em seu nome. Funciona, como se fosse um espelho, duplamente, especular. Há a especificação, através de um exemplo religioso:

A interpelação dos indivíduos, como sujeitos, pressupõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito, único e central, em nome do qual a Ideologia Religiosa interpela todos os indivíduos, como sujeitos (...) E o Senhor chamou Moisés, eu sou Moisés: ‘Moisés’. ‘Sou (certamente) eu, disse Moisés, teu servo, fale e eu escutarei’. E o Senhor falou a Moisés e lhe disse: ‘Eu sou aquele que é’ (...) Deus se define a si mesmo, portanto, como Sujeito por excelência (...)

O filósofo (Ibidem., p. 68), além da Sujeição, Interpelação, Reconhecimento e do Sujeito Absoluto, trouxe um outro conceito. É o de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Fez uma distinção entre os AIE e o Aparelho Repressivo de Estado (ARE):

Designamos pelo nome de Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades, que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (...) O Aparelho Repressivo do Estado funciona, predominantemente, através da repressão (inclusive, física) e, secundariamente, através da Ideologia (...) Da mesma forma, inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos funcionam, principalmente, através da Ideologia e, secundariamente, através da repressão, seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica (...)

Existe uma distinção entre o ideológico e o repressivo. Ambos não aparecem em estado puro. Estão mesclados um no outro. São caracterizados pelas prevalências das práticas. Mesmo que diferenciados, colaboram, para a reprodução do Estado.

Em níveis quantitativo e qualitativo, as diferenças, também, se impõem. Os AIE são vários; e o ARE apenas um. Este se encontra, inteiramente,

unificado no domínio público. Aqueles se encontram dispersos, localizados no domínio privado. Ambos, porém, em suas particularidades, estão unificados pela Ideologia da classe dominante.

Assim sendo, na teorização althusseriana (Ibidem., p. 102-103), a síntese da estrutura especular da Ideologia é a seguinte: a) a interpelação dos indivíduos, como sujeitos; b) submissão ao Sujeito Absoluto; c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos relativos e o Absoluto, entre si e em relação a si mesmo; e d) tudo está em harmonia, os sujeitos se reconhecem e se conduzem de acordo.

Logo, Althusser utilizou o Conceito Particular de Ideologia. Considerou, no entanto, a sua dialética. O Imaginário, como ilusões, não são vazios, ocios de sentido. Quando interpretados, fazem alusões à história. Toda ilusão é, ao mesmo tempo, alusão.

Barthes

A Ideologia, em Barthes, se singularizou, com a pluralidade da nomenclatura. Manifestou-se pelo Mito, pelo Imaginário e pela Ideosfera. Todos os conceitos, em suas particularidades, possuem uma invariância. Trabalham o Conceito Particular de Ideologia.

O ideológico, na concepção barthesiana, se realiza, por intermédio da produção discursiva. Apresenta um lugar específico. É a Conotação, onde o lingüístico dialoga com o cenário social, histórico e cultural. O semiólogo (1993) pensa o Mito, como uma forma de fala, materializada pela Conotação Não nega a factualidade histórica, porém a torna ingênua, inocente. O seu calibre ideológico naturaliza e eterniza a sociedade burguesa. Na aparência, a expressão “sociedade burguesa” pode promover um engano. Parece tomar o Mito, como um produto indissociável de sua etiqueta burguesa, porém não é bem isso. Significa somente onde foi estudado, isto é, a sociedade francesa.

A obra, *Mitologias* (1993), é angulada pela crítica ideológica. O seu intertexto abriga as influências de Hjelmslev, pela Conotação, de Durkheim, pela representação social, e de Marx, pela Ideologia, em seu Conceito Particular. A concepção de Mito é concebida, por intermédio da questão ideológica. Une o lingüístico e o translingüístico, fixados na deformação de sentido. É uma forma de nomear a Ideologia, através do seu Conceito Particular, buscado por Marx em Bonaparte.

Na produção de Barthes, caracterizada pelo estilo ensaístico, o conceito de Imaginário assume importância. Apresenta constância, supra temporalidade e supra-espacialidade. É uma invariância na diversidade de seus textos.

Em *Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios*, há uma metalinguagem. Refere que estudar o Imaginário de um autor é investigar a sua “coleção de fantasmas” (Barthes, s. d., p. 98). A seguir, o acréscimo: “Eu sempre

uso este termo no sentido lacaniano”. Em o Grão da Voz, o semiólogo (2000, p. 200) ratifica as influências, provenientes da Psicanálise. “O Imaginário é a estrutura do desconhecimento”. Mantém-se o sentido lacaniano de Alienação, amarrado às questões da subjetividade.

O Mito e o Imaginário, em suas diversidades, alimentam uma unidade. Ambos estão relacionados com a Ideologia, por intermédio do Conceito Particular, valorizando o papel da Conotação. Assim, propõem o diálogo entre o lingüístico e o translingüístico.

A obra, O Neutro (2003), apresenta outras reflexões. Surge o conceito de Ideosfera, como “como sistema linguageiro de uma Ideologia. Toda a Ideologia, para mim, é linguagem e nada mais que linguagem: é um discurso, um tipo de discurso” (2003, p. 20).

A partir disso, a Ideosfera ganha especificações. Divide-se em Doxosfera, esfera da Doxa, Piteosfera, esfera da fé, Socioleto, esfera da neutralidade, e Logosfera, esfera da naturalização discursiva. Todas têm um endereço de manifestação: a produção discursiva.

Logo, em Barthes, o Mito, o Imaginário e a Ideosfera são concepções importantes, para a compreensão da produção ideológica. Evidenciam uma abordagem. A Ideologia é vista e revista, através do sentido do seu Conceito Particular.

Morin

Morin (2002, p. 168) propõe as Ideologias, como um sistema de idéias, entre outros. Ele (Ibidem, p. 157) se preocupa de início, com a questão conceitual, pormenorizando-a:

Um sistema de idéias constitui-se de uma constelação de conceitos, associados, de maneira solidária, cujo agenciamento é estabelecido por vínculos lógicos (ou com tal aparência), em virtude de axiomas, postulados e princípios de organização subjacentes; tal sistema produz o seu campo de competência, enunciados, com valor de verdade, e, eventualmente, previsões quanto a fatos e acontecimentos, que deverão manifestar-se (...)

Sobre os Sistemas Filosóficos e as grandes Ideologias, Morin (Ibidem., p. 163) procede a distinção em três tipos:

(...) os sistemas de idéias, cujo campo de pertinência limita-se, apenas, ao conhecimento (teorias científicas); os sistemas de idéias, que ligam, estreitamente, fatos e valores e, portanto,, têm um aspecto normativo (teorias não-científicas); os sistemas de idéias, com pretensão explicativa universal (grandes doutrinas, grandes sistemas filosóficos, grandes ideologias (...))

Morin (Ibidem., p. 171-172) sublinha a ruptura entre as filosofias e as ideologias, “que, na maior parte do tempo, saem das idéias filosóficas”. Ele acrescenta:

As ideologias são vulgáticas (vulgata: versão disseminada) e estendem a sua influência para além intelligentsia, ao mundo político e social. As ideologias tomam de empréstimo, às filosofias, o núcleo axiomático e as idéias centrais; buscam, aí, coerência organizadora, mas, de maneira simplificadora, degradada, dogmática, que as transforma em sistemas de outra natureza: as ideologias perderam a problemática e a complexidade, que fazem a originalidade filosófica. Compreende-se, então, o sentido pejorativo do termo “ideologia”, o qual sempre denota um defeito, uma ilusão (...)

A opção pela expressão “sistema de idéias” não é gratuita, nem aleatória. Possui pertinência e faz sentido. Resgata o Conceito Geral de Ideologia, em sua anotação etimológica. A categoria Sistema tem inúmeros endereços epistemológicos, muitos de segunda mão. Não há como desconhecer a sua origem epistemológica. É o Estruturalismo, sobretudo, a partir dos seus estudos de linguagem.

Além do Conceito Geral, existe a abordagem do Conceito Particular. É A Ideologia, no sentido pejorativo. Significa distorção, ilusão, falsa consciência e erro. Sua origem está relacionada com Napoleão Bonaparte e, depois, ganhou notoriedade nos textos marxistas.

Morin, ao abordar os Conceitos Geral e Particular, realiza uma escolha léxica pertinente. Trabalha as Ideologias, como um dos sistemas de idéias. Possuem a sua gênese em sistema filosófico, porém se desvirtuam. Tendem ao dogmatismo e à simplificação.

Há a pluralização dos sistemas de idéias, contemplando, inicialmente, o Conceito Geral de Ideologia. A partir dele, surge o Conceito Particular, que agencia a existência das Ideologias. A formulação é tecida, por intermédio do Dialogismo. Assim sendo, a questão ideológica, em sua expressão ambivalente, é formulada, com Complexidade. Os Conceitos Geral e Particular dialogam, em suas convergências e em suas divergências, como sistemas de idéias, que são classificados em uma tipologia.

Portanto, observamos autores, que trabalharam, implicitamente, o conceito. Foram os casos de Maquiavel, Bacon, Spinoza e Hegel. Trouxeram contribuições conceituais, para uma teorização, sem especificarem, propriamente, uma teoria. Os que explicitaram a Ideologia se dividiram. Alguns se dedicaram ao Conceito Geral, como Tracy. Outros se voltaram, para o Conceito Particular, como Marx, Althusser e Barthes. Morin, em particular, empreendeu os diálogos. Juntou os Conceitos Geral e Particular.

Possuímos, desta maneira, em uma diversidade de concepções, uma unidade. As Teorias sobre a Ideologia, em suas complexidades, se especificam, por intermédio do Conceito Geral, do Conceito Particular e do diálogo entre

ambos. São pertinentes, para o estudo dos discursos da Mídia, impressa e eletrônica, porque ensejam uma abordagem plural das questões sociais e subjetivas. Parecem resgatar algumas posições dos teóricos da Escola de Frankfurt, com um olhar complexo, próprio da contemporaneidade.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. 2ª. Ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1985
- _____. *Freud e Lacan – Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- BACON, Francis. *Bacon*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ª. Ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- _____. *Escritores, Intelectuais, Professores e Outros ensaios*. Lisboa: Presença, s.d.
- _____. *O Neutro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *O Grão da Voz*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- HEGEL, Georg. *Hegel*. Coleção Os Pensadores. 5ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- LÖWY, Michel. *Ideologias e Ciência Social – Elementos para uma Crítica Marxista*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 16ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- _____. *O Capital*. Coleção Os Economistas, v.1, tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MORIN, Edgar. *O Método 4 – As Idéias, Habitat, Vida, Costumes e Organização*. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NEOTTI, Clarêncio (org.). *Comunicação e Ideologia*. São Paulo: Loyola, 1989.
- SPINOZA, Baruch. *Espinoza*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- SOIFER, Raquel. *A Criança e a TV – uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.